

Demofobia ipanemense: O medo da copacabanização

Fernanda Huguenin

Professora da Ucam

Este artigo discute algumas representações sociais de moradores de Ipanema acerca da chegada do metrô ao bairro carioca. A partir de entrevistas e da etnografia de duas situações, analiso a perspectiva nativa quanto à expansão da malha metroviária da cidade e suas possíveis implicações na caracterização do cosmopolitismo e da sofisticação associados a Ipanema. O comportamento reativo à popularização é evidenciado como postura demofóbica à chegada do Outro. Pretende-se refletir sobre diferentes significados do direito à cidade, sobretudo quanto ao uso e ao pertencimento ao bairro, tendo em vista conflitos decorrentes da mudança no transporte coletivo em curso.

Palavras-chave: Ipanema, representações sociais, pertencimento, demofobia, direito à cidade

The article **Ipanemense's Demophobia: The Fear of 'Copacabanization'** discusses some social representations of local residents of Ipanema, or Ipanemenses, regarding the metro underground rail system being extended to the Rio de Janeiro neighborhood. Based on interviews and an ethnographic study of two situations, I analyze the natives' points of view on the expansion of the city's metro and its potential implications for the cosmopolitan and upmarket characteristics associated with Ipanema. A reactive attitude is demonstrated as a demophobic posture against the arrival of the Other. The study aims to reflect on different meanings attributed to the right to the city, bearing in mind the conflicts resulting from ongoing changes in public transport.

Key words: Ipanema, social representations, belonging, demophobia, right to the city

Nos anos 1980, um hit de rock fez grande sucesso nas rádios e na boca do povo: “Nós vamos invadir sua praia”, da banda Ultraje à Rigor, cantava uma provocação dos grupos de São Paulo aos grupos cariocas, por ter chegado, à época, uma geração de paulistas fazendo sucesso no Rio de Janeiro, um dos berços do rock nacional. Entretanto, a música ultrapassou a jocosidade artística e foi apropriada pelos ouvintes como um chiste ao que acontecia na orla carioca: as praias da Zona Sul, antes um território socialmente demarcado e talvez restrito aos locais pela pouca oferta de transporte coletivo, começavam a ser ocupadas pelo “Outro”, os suburbanos vindos das periferias da cidade. Data dessa época a abertura do Túnel Rebouças aos coletivos e a implantação de novas linhas viárias vindas da Zona Norte. A orla, até então cenário lúdico de lazer e de lançamento de modismos produzidos pelos cariocas da Zona Sul, que há décadas faziam dali uma extensão de casa – o verdadeiro quintal dos apartamentos –, de repente muda substancialmente nos fins de semana, com a presença dos suburbanos, empregados dos setores de serviços, principalmente domésticos, do comércio, dos condomínios, de hotéis e de similares.

Recebido em: 05/10/2012

Aprovado em: 28/10/2013

Essa presença dos serviçais, tolerada nos dias úteis para a realização da atividade laboral, passa a incomodar quando a finalidade é o lazer, já que os novos banhistas não se enquadravam no perfil de gente fina, educada e elegante. Vestiam-se de maneira desconforme ou aquém do estilo local. Desciam de ônibus superlotados nos terminais próximos à orla trazendo seus isopores cheios de comida e bebida. Despojados, ousados e espontâneos, comportavam-se de modo distinto da *polite* local e logo ganharam o estigma de “farofeiros”.

Desse deslocamento, novas relações se inscreveram no modo de pertencer à cidade e usufruir de seus espaços públicos. Pensar em hierarquias valorativas dos bairros da capital, onde a proximidade com recursos naturais e/ou com bons índices de planejamento urbano são tomados como medidores, é refletir também acerca de uma identificação entre o território e determinado estilo de vida.

Uma das informações mais requeridas na socialização carioca é a que investiga o bairro de origem do interlocutor. “Tu mora onde?” não é apenas pergunta retórica, mas tende a imediatamente qualificar o indivíduo segundo sua resposta (CECCHETTO e FARIAS, 2009). A despeito dos trânsitos e borramentos que se possam investir sobre o geográfico, funciona como uma espécie de marcador, permitindo que o território seja usado como epíteto para referenciar determinadas identificações.

Não raro, à distância espacial se sobrepõe a distância social, e discutir o transporte coletivo em uma cidade como o Rio de Janeiro – onde o padrão de classificações geográficas é fundamental na identificação de um nativo na medida em que seu lugar de moradia serve como parâmetro para a projeção da classe social e do *ethos* a que ele potencialmente pertence – implica considerar uma série de dilemas e conflitos produzidos e projetados a partir de preconceitos e violências. Nesse sentido, a recente ampliação da linha metroviária da cidade em direção à Barra da Tijuca, na Zona Oeste, passando pelos bairros de Ipanema, Leblon, Gávea e São Conrado, na Zona Sul, tem provocado inúmeros debates com posições e posturas reativas acerca da popularização de bairros associados à elite carioca.

Este artigo é uma etnografia acerca do ponto de vista de ipanemenses sobre a chegada do metrô ao bairro, produzida a partir da observação participante em uma das reuniões da Associação de Moradores e no momento de inauguração da Estação General Osório. Por meio desses registros e de entrevistas com nativos, exercito uma reflexão sobre o sentido de pertencer à cidade, ou melhor, a Ipanema, e de usufruir de seus bens e serviços. Além disso, discuto algumas das representações encontradas sobre a mobilidade espacial através da expansão do transporte coletivo e suas implicações quanto à possível popularização do espaço público, sobretudo a praia, em um dos bairros de m² mais caro no mercado imobiliário do país.

As descrições e interpretações a seguir têm por inspiração os conflitos vividos a partir da abertura do Túnel Rebouças aos coletivos, já que a esse fato, no discurso nativo, estão associados os arrastões nas praias na década de 1990 e a criação e utilização do termo pejorativo “além-túnel” para referenciar os suburbanos vindos da Zona Norte. De diversas formas, o que constatei no trabalho de campo feito em 2009 e 2010 foi um clima de demofobia em Ipanema, como se a expansão do metrô fosse promover uma repetição do “nós vamos invadir sua praia” dos anos 1980, ou seja, mais uma vez a partilha dos espaços públicos, sobretudo da orla, seria feita com indesejáveis “Outros”.

Ipanema: cosmopolita e sofisticada

Em termos geográficos, Ipanema é uma pequena faixa de terra localizada na Zona Sul e imprensada entre a Lagoa Rodrigo de Freitas e o mar. Faz divisa a leste com Copacabana e a oeste com o Leblon. O bairro foi fundado em 1894. Há duas versões concorrentes para a sua nomenclatura. A primeira sustenta que foram os índios tamoios, lá encontrados durante o período de colonização, que cunharam o nome Ipanema, que, etimologicamente, significa “água ruim”. A segunda versão é a de que o bairro foi batizado para homenagear seu fundador, o barão de Ipanema, José Antônio Moreira Filho, que nasceu na pequena cidade de Ipanema, no estado de Minas Gerais, e fora proprietário de terras em Copacabana e adjacências. Ele resolveu expandir seus negócios imobiliários e fundou, então, um novo loteamento chamado à época Villa de Ipanema.

Ruy Castro (1999) afirma que o bairro foi cosmopolita desde sempre porque recebeu, nos meados dos anos 1930, uma imigração de elevado nível cultural: alemães, franceses, ingleses e judeus. Gente que não era rica, mas transitava entre línguas, literaturas, histórias e que estava influenciada pela vanguarda europeia das décadas de 1910 e de 1920. Eles teriam se misturado aos nativos nem tão cariocas “da gema” assim já que vinham de outros estados brasileiros. Longe do Centro da cidade, Ipanema germinou uma “cultura própria”.

Até os anos 1950 e 1960, o local permaneceria como um bairro bucólico, aberto às conversas na calçada e aos encontros nas ruas e na praia, diferentemente da vizinha Copacabana, que já havia começado a se popularizar. Esse distanciamento do restante do Rio teria contribuído para a construção de uma aura ou de um estilo de vida ipanemense, marcado pela boemia e pelo despojamento em referência à vanguarda, à contracultura e à liberdade. Mas os ipanemenses eram e são de todos os lugares, de modo que o “espírito ipanemense” excede sua geografia. O bairro foi se constituindo como uma marca. Se, por um lado, o território de 1,67 Km² é bastante reduzido espacialmente (quando comparado a outros bairros), por outro, é inversamente gigantesco do ponto de vista simbólico. Ipanema é uma espécie de emblema do Rio e do Brasil. Essa representação está culturalmente manifestada na moda, no corpo, no estilo de vida, na produção artística e intelectual e no comportamento dos ipanemenses de todos os bairros:

A categoria “Ipanema”, pensada como um adjetivo que qualifica pessoas, lugares e comportamentos, não precisa estar necessariamente vinculada ao espaço físico do bairro. Da mesma forma, “ipanemense” ou “ipanemenho” são identidades utilizadas para designar pessoas que não têm, necessariamente, um vínculo direto com os limites territoriais de Ipanema. Morar no bairro, por exemplo, não é uma condição necessária, nem tampouco suficiente, para que um indivíduo assuma essa identidade. De modo análogo, “ipanemenses típicos” podem ser habitantes de outras localidades (VALLE, 2005, p. 28).

Em livros, guias turísticos e artigos jornalísticos, Ipanema aparece como um lugar aberto à diversidade e à espontaneidade de seus moradores e frequentadores. De maneira essencializada, há uma fabricação do bairro como síntese do que é ser carioca na atualidade, como se Ipanema fosse uma vitrine da cidade.

Em entrevista, Carlos Alberto Afonso, proprietário da Toca do Vinícius¹, observa que “Ipanema é um bairro que se comporta como sujeito em função da relação, digamos, metonímica que estabeleceu com alguns moradores, frequentadores e amigos do bairro”. Essa concepção reafirma a ideia de que o bairro possui um determinado *ethos*, como propôs Valle (2005) ao visualizar na personificação do espaço ipanemense um “sujeito” agente de mudanças desde a criação de modismos à definição de padrões de comportamento. A identidade e a memória ipanemenses seriam, nesse sentido, definidas pela vocação para o inesperado e para o inventivo, permitindo a expressões artísticas como a bossa nova, o Cinema Novo e o tropicalismo nascerem e formarem palco.

Todavia, essa identidade é concebida não apenas como o lugar da vanguarda artística, mas também como o lócus de desenvolvimento de comportamentos vanguardistas. O espaço da praia, onde o corpo está em evidência, tem sido o palco para a performance de polêmicas transgressões, desde a exposição da barriga grávida da atriz Leila Diniz ao uso da pequena tanga de crochê pelo ex-guerrilheiro Fernando Gabeira logo após a anistia (GOLDENBERG, 2008). Esses dois episódios, que ritualizam a transição da apresentação do corpo do velamento à nudez, simbolizam a invenção de modismos fundamentados pela valorização de escolhas individuais de jovens de classes médias que vivenciavam a transformação dos padrões de socialização amparados no individualismo e em oposição à tradição.

Não obstante, as menções à arte e à intelectualidade vêm sendo substituídas pela referência ao comércio de luxo. Ainda segundo Valle (2005), a importância conferida ao novo comércio como elemento delineador da aparência de Ipanema se manifesta na frequência com que os proprietários ou representantes desses locais são solicitados pela imprensa. Inúmeras reportagens elegem indivíduos dessa categoria para prestarem depoimentos sobre o bairro. Dessa forma, é possível considerar que muitas matérias acabam cumprindo uma função publicitária visando tornar mais atrativos os serviços dos anunciantes por meio de uma exaltação do local onde seus negócios estão estabelecidos.

1 Loja de discos e livros que divulga obras da bossa nova, localizada na Rua Vinícius de Moraes, em Ipanema.

Assim, é possível refletir que, se o passado de Ipanema – conforme expressam os guias turísticos, revistas especializadas e livros – é elaborado por referência a uma elite artística e intelectual que se coloca como protagonista das memórias do bairro, na atualidade, como revela a mídia, Ipanema está associada a uma elite comercial que também se inclui com destaque nas representações simbólicas locais. Enquanto a memória do passado é resgatada através da arte, a do presente é construída através da sofisticação do comércio.

Em termos de uma representação mais generalizada, Ipanema continua a ser, para os cariocas, um lugar para “aparecer”. A classificação de pessoas e de lugares relacionadas a categorias quase antagônicas como “sofisticação” e “simplicidade”, ou ainda, “elegância” e “informalidade”, confere ao bairro a adjetivação de um estilo de vida cosmopolita. Essa representação é, inclusive, formulada para exportação. Em um guia internacional de viagem, o *Insight City Guide* de 2006, Ipanema é vista como uma vizinhança multicultural, repleta de discotecas, casas noturnas, restaurantes elegantes, galerias de arte, butikques da moda, apartamentos de luxo, além de cinemas e teatros.

É importante observar que todas essas imagens do bairro o transformam em um bem de consumo, isto é, em um estilo de vida comercialmente explorado e vendido. Tudo que estiver relacionado a Ipanema estará repleto de capital simbólico. A invenção de um bairro sofisticado, nobre e cosmopolita, ao mesmo tempo em consonância com a simplicidade, a descontração e a liberdade, se projeta (por meio da imprensa e do turismo) para além das fronteiras da cidade e do país. Na verdade, tanto a Ipanema de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, ícones da arte literária e musical, quanto a de Oskar Metsavaht e Alexandre Accioly, empresários do comércio de luxo, são marcas distintivas que mundialmente divulgam e fortalecem o seu potencial de captação de recursos.

Entretanto, resta considerar que toda essa construção imagética exclui uma série de outras narrativas e memórias. São projeções de grupos específicos. Trata-se de um ponto de vista dominante, construído por pessoas e grupos com acesso e visibilidade na mídia nacional (VALLE, 2007). Mas essas projeções descartam outras maneiras de perceber e vivenciar o bairro, sobretudo em referência aos que traba-

lham, frequentam ou simplesmente flanam pelo local. Nessa lógica, a visão dos suburbanos e dos favelados não é contemplada. A Ipanema da bossa nova e da elegância das grifes é produzida à revelia dos que escutam funk e limpam o chão das ruas. A identidade do bairro esteve, desde sempre, longe do registro desses personagens, tendo ausentes os moradores das favelas localizadas na sua região limítrofe com Copacabana: os morros do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.

Nesse sentido, para boa parte dos moradores “do asfalto”, o bairro está vivendo um momento de saturação populacional², não tanto pelo número de residentes, mas pelo contingente que o frequenta diariamente. Não são necessariamente os turistas, mas moradores de rua, mendigos, pivetes, flanelinhas, vendedores, camelôs, ambulantes, papaleiros, catadores e entregadores, os quais, segundo o Projeto de Segurança de Ipanema³, geram uma verdadeira desordem urbana. Em muitos discursos encontrados nos veículos de comunicação e nas falas nativas, Ipanema está “virando Copacabana”.

Enquanto a “Princesinha do Mar” teria perdido seu *status* de modernidade e sofisticação, mediante a maciça popularização que a retirou da condição de bairro nobre para a ressignificar como um lugar “cafona”, “inabitável”, “sujo” e “um inferno”, a partir da década de 1970, Ipanema guardaria ainda o caráter elitizado de reduto dos cérebros pensantes cariocas. Mas essa condição corre riscos. Para os ipanemenses mais antigos, a expansão do acesso viário iniciado com a abertura do Túnel Rebouças para os coletivos abriu o flanco para a “copacabanização” do bairro. Em virtude disso, muitos moradores já migraram em direção ao Leblon.

A preocupação com a alteração do fluxo populacional decorrente da democratização do transporte de massa mobiliza os ipanemenses na defesa da preservação do bairro em sua estética de luxo e requinte. No presente etnográfico, pude acompanhar a discussão em torno da chegada do metrô ao bairro e perscrutar os debates acerca dos impactos e transformações que a massificação do transporte traria à região. Na verdade, a Ipanema cosmopolita nunca foi universal, isto é, disponível a todos. É uma abertura relativa, posto que seleciona, inclui e exclui, sobretudo na produção de sua memória.

2 Segundo o Censo 2010 do IBGE, a população estimada do bairro é de 42.743 habitantes.

3 Organização de moradores do bairro que denuncia problemas e reivindica ações do poder público. Mantém o blog <http://psipanema.blogspot.com>.

Penso que o bairro vive em uma constante disputa pela manutenção de seu poder simbólico. Afinal, foi o próprio maestro soberano, Antônio Carlos Jobim, quem, de modo etnocêntrico, disse a famosa frase: “o Brasil não será feliz enquanto todos não puderem morar em Ipanema”. Mas Ipanema não é o Brasil, já que “o Brasil não conhece o Brasil”⁴. A especulação de que o metrô fosse descaracterizar o seu bucolismo somado ao luxo e ao cosmopolitismo foi motivo de anseios e discordâncias dos ipanemenses registrados em sites, na imprensa e nas conversas do cotidiano, com argumentação inúmeras vezes pautada por uma série de preconceitos, bairrismos e reatividade.

A reunião

A inauguração da Estação General Osório estava marcada para acontecer uma semana antes do Natal de 2009. A expectativa da Secretaria de Transporte do município era de que nela circulassem inicialmente cerca de 80 mil pessoas por dia. Diante desse número apresentado pelo órgão público, uma grande preocupação acometia os locais: o inchaço populacional de Ipanema.

No jornal do bairro⁵, uma reportagem registrava vários depoimentos sobre isso: “Acredito que a tranquilidade que o bairro tem deva acabar. Com o metrô aqui, a quantidade de pessoas circulando vai ser bem maior, o que pode tornar o trânsito bem pior do que já é. Sem contar a praia, que ficará insuportável nos finais de semana”, opinou a moradora Heloíza de Sousa. Inez Barreto, coordenadora do Projeto de Segurança de Ipanema, declarou: “A população, evidentemente, vai ser favorecida com o transporte rápido e eficiente que é o metrô, mas o medo é que, com o aumento dos frequentadores, haja mais insegurança no bairro, e aumente o número de roubos e assaltos”. Na matéria, a presidente da Associação de Moradores de Ipanema, Maria Amélia Loureiro, argumentou:

4 Da música “Querelas do Brasil”, de Aldir Blanc.

5 Conforme consta na reportagem “Inauguração da nova estação do metrô em Ipanema preocupa moradores”, publicada no *Via: o jornal do seu bairro*, ano 2, nº 24, página 8.

Outra questão que preocupa os moradores é a nova situação da praia, sendo a segurança e a limpeza os fatores mais importantes para os banhistas. No dia 9 de novembro, depois de um domingo de praia lotada, a situação da nossa orla era chocante. A quantidade de lixo deixada na areia e na água do mar era de fazer chorar. Espero que essa situação não se agrave ainda mais.

As falas revelavam uma forte apreensão dos moradores em relação à chegada do transporte coletivo e um possível inchaço populacional nos espaços públicos – ruas, praças e sobretudo a praia. Julgo que o temor à popularização de Ipanema decorre do que já observou Cunha (2012) quanto aos significados atribuídos à expressão “ordem pública” por diferentes atores. Em sua perspectiva, o repertório argumentativo das camadas altas e médias quanto a seu próprio proveito da cidade pacificada combina “a expectativa pela inculcação de um padrão de civilidade por parte daqueles à margem da sociedade”, isto é, moradores de favelas e subúrbios, bem como mendigos e menores de rua, e, paralelamente, “a descrença na capacidade desses de absorverem tal padrão, o que demandaria dos órgãos públicos, em especial, das polícias, o exercício da tutela”. É exatamente essa expectativa de civilidade que transborda da preocupação da presidente da associação de moradores com “a quantidade de lixo deixada na areia e na água” ou a necessidade de tutela, leia-se, repressão e controle, no “medo de que, com o aumento dos frequentadores, haja mais insegurança no bairro, e aumento o número de roubos e assaltos”.

Mas os relatos adversos à chegada do metrô ao bairro não se restringiam aos depoimentos publicados. Ouvi muitos outros comentários similares em diversas ocasiões. De fato, os ipanemenses estavam temerosos quanto à possível popularização maciça do bairro. A expressão maior desse temor pude registrar ao ser convidada para a reunião da Associação de Moradores por Sandra, uma ipanemense nata com quem eu dividia apartamento para fazer o trabalho de campo⁶. Nessa reunião, assistiríamos a uma apresentação dos engenheiros responsáveis pela execução do projeto do metrô quanto à evolução da obra em termos técnicos.

Em um auditório do tradicional colégio Notre Dame⁷, em setembro daquele ano, reuniam-se cerca de 30 pessoas. Cheguei acompanhada de Sandra e me sentei a seu lado. Perto de mim, uma moradora parecia exaltada. Aliás, percebi um clima um tanto apreensivo em quase todos os semblantes. Enquanto isso, cheios de slides com imagens da perfuração do solo, os técnicos da Secretaria Estadual de Transporte e os engenheiros da Odebrecht, empresa contratada para executar a obra, começavam a exposição. Eu não tinha sido apresentada a ninguém e, sinceramente, não

6 Pesquisa que resultou na tese *As praias de Ipanema: Liminaridade e proximidade à beira mar*, orientada pela profa. Dra. Lia Zanotta Machado, defendida e aprovada em abril de 2011 no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB).

7 Colégio particular da Congregação de Nossa Senhora, localizado na Rua Barão da Torre, 308.

sei se passei por despercebida ou se também por moradora. Apenas liguei meu gravador e o coloquei em cima do suporte de minha cadeira. Ninguém se pronunciou contra. Concluí, então, que aquele gesto era factível.

A apresentação inicial do engenheiro responsável pela obra mostrava-nos uma animação de como ficaria um dos acessos do metrô, na esquina das ruas Teixeira de Melo e Barão da Torre: duas torres interligadas por uma passarela que, através de seus elevadores, facilitaria a mobilidade dos moradores do Cantagalo. Uma das torres contaria também com um mirante, de onde toda a população e os turistas poderiam apreciar a vista do mar. Mas mal a apresentação se iniciara e o engenheiro foi logo interrompido por uma moradora:

Moradora: Eu li no jornal que vai ter um mirante.

Engenheiro: Vai ter um mirante em cima dessa torre.

Moradora: Então, a pessoa tá passando na rua e resolve ir lá nesse panorâmico, então ela sobe esse elevador. Esse elevador não é estritamente pra quem tá usando o metrô e mora lá em cima, é?

Engenheiro: Não.

Moradora: Agora ele vai funcionar, por exemplo, como o elevador Lacerda em Salvador, que pagam um ticket pra usar esse elevador?

Engenheiro: A princípio, que eu saiba não. Não sei se pode vir a evoluir por questão de garantir uma integridade maior. Porque quando você deixa, pouca coisa que seja, a pessoa tem um respeito maior ao patrimônio público, no caso.

Moradora: Eu tenho mais uma pergunta que talvez interesse às pessoas. Como você falou, todas essas grandes obras, elas têm parcerias. Estando a obra pronta, funcionando o elevador, o metrô funcionando, a quem passa a ser a administração do funcionamento... segurança, limpeza? Vai ser como as outras estações ou essa é um caso específico? Porque é a primeira experiência de uma estação dentro de uma comunidade.

Engenheiro: Não, vai ser mantido o sistema de todas as outras estações. A pessoa responsável será o operador do metrô, tanto pelo metrô, quanto pelos dois conjuntos de elevadores. Agora, até o limite da construção. Ultrapassando esse limite, abrem-se os canais normais que é guarda municipal, se alguém parou erradamente chamar a CET-Rio, se for um assalto a Polícia Militar... e nós, comunidade, como vocês fazem aqui muito bem juntos, certamente têm muito mais força de cobrar a permanência. E

mais do que permanência. A permanência garante que não aconteça, pra não ficarmos correndo atrás do prejuízo, ou seja, é melhor começar a cobrar previamente. A preocupação que vocês podem ter do conjunto ou a maior concentração de pessoas, o interesse de terceiros, pra que as autoridades tenham maior atenção pra garantir esse patrimônio que tá sendo passado pra nós, sociedade – eu sou executor, mas também sou usuário – seja preservado. E aí cada um deve fazer sua parte.

Moradora: É, porque uma obra dessa causa um impacto, né. Impacto bom, impacto que vai ter que ser ajustado.

Engenheiro: Tem que ser administrado. Vocês juntos vão ter muito mais força e cada um de vocês vai ser um fiscal de postura. Vocês têm que antever e agirem previamente pra que não comece o problema.

Moradora: É, mas isso não desqualifica o que eu estava falando a respeito do ticket pra entrar no elevador, entendeu? Nem que seja 10 centavos. No elevador Lacerda, ele cobra 10 centavos, 20 centavos, isso não é nada! Pra pessoa ter compromisso com aquele patrimônio. Porque se é um custo alto com a obra, um custo alto de manutenção. Quem vai pagar a conta continua sendo nós. E as pessoas têm que ter o compromisso de ter. Acho que a comunidade deve ser beneficiada, mas também deve ser cobrado um compromisso, uma contrapartida. Eu sei que não é sua área...

Engenheiro: É difícil! Você está trazendo benefício pra uma comunidade carente, com deficiências. É uma colocação que vocês como comunidade é que podem encaminhar isso.

A partir desse momento, a reunião se tornou uma confusão generalizada de todos juntos falando ao mesmo tempo sobre as possíveis mudanças que traria o elevador como meio de facilitação do trânsito de pessoas vindas do morro. A moradora que estava sentada ao meu lado, preocupada com o fato de que a torre poderia devassar a visão de dentro do seu apartamento, exclamou: “É inadmissível uma coisa dessas. É colocar um colar de pérolas num chiqueiro”, referindo-se à favela do Cantagalo.

A análise desse momento inicial da reunião me leva a considerar aqui que o espaço urbano é uma propriedade pública onde se podem instituir ou não práticas sociais que venham a caracterizar a sua dimensão política. Um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um con-

junto de ações que lhe atribua sentidos de pertencimento. É essa territorialidade do espaço que o transforma em um lugar, isto é, naquilo que tem seu “próprio”, tal como o posiciona Certeau (1994), e que também confere sentido às ações, constituindo o que se denomina público: locais onde as diferenças se evidenciam e se confrontam politicamente.

As torres do Cantagalo, nesse cenário, se dimensionam como um lugar de disputa política. Parece que os elevadores representam, para os ipanemenses da reunião, um símbolo de prestígio concedido aos favelados, mesmo que a sua revelia. É como se a classe média não os visse como cidadãos de direito, por não contribuírem com impostos. Por isso, a moradora que tomou a palavra requer que eles paguem “nem que seja 10 centavos” porque “quem vai pagar a conta continua sendo nós”. Por isso também, a moradora que se sentara ao meu lado entendia a obra como um “colar de pérolas” dado ao “chiqueiro”.

Esse episódio inicial corrobora os dados sobre os Conselhos Comunitários de Segurança de São Paulo analisados por Galdeano (2009) quanto às narrativas acerca da presença de prostitutas, travestis e jovens pobres em bairros de camadas médias. Estes, pensados como “agentes de insegurança”, seriam potencialmente criminosos e estariam fora da condição de cidadãos na medida em que a cidadania estaria vinculada ao pagamento de impostos. É exatamente isso que paralelamente se verifica no discurso da moradora quando diz que os moradores do Cantagalo têm que “ter compromisso com aquele patrimônio”, isto é, ser um contribuinte como ela é, algo que está associado não só à condição de cidadão, mas à própria ideia de “pessoa de bem”.

Depois do falatório geral, aos poucos os ânimos foram arrefecendo e a fala novamente foi restabelecida pela ordem. No entanto, a apresentação dos expoentes foi completamente desvirtuada de seus objetivos. O debate que se iniciou em seguida não se pautou pelos desafios técnicos da execução da obra, mas pelos possíveis impactos sociais com relação ao traçado do metrô. Um morador pediu a palavra:

A população da Barra hoje é a maior prejudicada pela falta de transporte coletivo de massa e os cidadãos de Ipanema e Leblon muito mais prejudicados pelo excesso de volume de carros que são obrigados a passar pra lá congestionando os bairros. Fazer mais três

estações, além dessa da General Osório, que são duas em Ipanema e mais uma no final do Leblon, é uma coisa que atende a muito pouca gente se comparado com o desvio que seria o transporte de massa ser feito embaixo do maciço da pedra do Corcovado, que é o projeto original. Mas como você diz, tem menos gente no meio do caminho. Mas tem muito mais gente no ponto da linha, como você acabou de mencionar o exemplo de São Gonçalo, pra ser atendida, do que você deteriorar Ipanema com quatro estações, [aliás,] três estações, mais uma no Leblon. Porque praticamente você vai destruir quase a ecologia existente e a razão do charme desses dois bairros é de terem uma densidade mais equilibrada. Na medida em que você traz um transporte de massa, onde já é muito bem atendido por tudo quanto é tipo de serviço, por nós estarmos a poucos metros, todo mundo anda em Ipanema e Leblon sem nenhum problema. Dois ou três ônibus de integração atendem perfeitamente essa região. É muito mais lógico. [Aplausos].

Engenheiro: Não tenho detalhe de todo o projeto. O traçado que contempla passar próximo ao maciço do Corcovado, ele teria um traçado muito mais longo, porque se ele se afastar debaixo do Corcovado, ele entra numa área de ecologia que é intransponível, que se chama Jardim Botânico. Qualquer falha na região do Jardim Botânico poderia causar um crime ecológico.

Morador: Esse projeto já existe, já está pronto, ele foi preterido em função desse projeto em Ipanema e Leblon, que é muito mais rentável para as construtoras, que a obra fica quatro vezes mais cara. O projeto está pronto, e mais, esse projeto permitiria que a obra ficasse pronta, porque aqui a gente não pode pensar em rentabilidade quando se fala em transporte de massa, alguém tem que bancar isso... acredito que a gente se dói pelo custo social e indiretamente pelos impostos, do que diretamente pelo prejuízo que causa a esse bairro Ipanema e Leblon trazendo uma massa de gente. Você falou em 80 mil pessoas só nessa estação General Osório. E quantas seriam as pessoas que viriam? Então, quer dizer, vamos trazer toda a cidade do Rio de Janeiro pra dois bairros?(...) Nós estamos trazendo pra dentro do bairro mais qualificado da cidade um público, não é que não seja desejado, mas é preferível levar isso pra onde existe espaço suficiente, pra Barra da Tijuca. O transporte de massa tem que fazer o deslocamento de pessoas pra outra direção, o que não pode é concentrar uma densidade absurda. Porque o transporte é eficiente, não há a menor dúvida. Mas aqui não é necessário colocar quatro, cinco estações.

Engenheiro: Você está esquecendo de uma coisa que é o seguinte: o senhor está criando um metrô elitista. A visão de metrô é uma visão democrática. O senhor tem que trabalhar com um transporte público de massa. Então, o senhor não pode pensar que quem vai usar a estação General Osório é só o pessoal de Ipanema. O senhor tem que pensar que o pessoal de Ipanema também não é só o morador. Você tem também os empregados que trabalham em Ipanema. (...) Porque vai dar transtorno, porque vai trazer o pessoal... tanto traz o pessoal pro final de semana, mas também traz o pessoal durante a semana pra trabalhar.

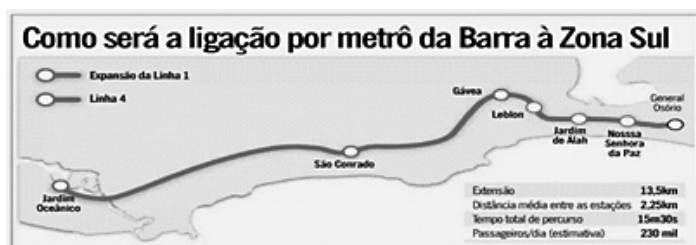
A partir desse momento, a confusão recomeçou. As diferentes vozes se cruzavam em uma verdadeira balbúrdia. Alguém exclamou que o metrô ia também valorizar os imóveis de Ipanema. Mas, nesse momento, o volume das falas aumentou muito e o clima ficou ainda mais tenso. De um modo geral, todos os participantes manifestaram opiniões contrárias ao metrô.

Em meio ao alvoroço, Maria Amélia, a presidente da Associação, pediu a palavra e disse: “Olha gente, não vamos sair do foco porque eles são engenheiros”, lembrando aos presentes que o tema era outro e que não caberia aos expoentes fazer uma análise do metrô segundo seu impacto social. Mas a essa altura, a reunião já estava completamente polifônica. Uma discussão sobre associativismo, engajamento e participação política foi iniciada. Meio acuado, o engenheiro palestrante se defendia das acusações que lhe eram lançadas a respeito de interesses privados em obras públicas, dizendo-se meramente executor. Diante disso, a presidente rapidamente deu a sessão por encerrada e iniciou os aplausos. Em seguida, todos se dispersaram.

De modo geral, toda a polêmica da reunião girou em torno de uma questão: a mudança do traçado que levará o metrô até a Barra da Tijuca. Licitada inicialmente em 1998, a Linha 4 faria o trajeto Botafogo – Barra, via Humaitá e Jardim Botânico. O governador do estado, Sérgio Cabral, anunciou que a Linha 4 teria seu trajeto modificado, não mais passando pelo corredor Humaitá e Jardim Botânico, e sim como uma continuação da Linha 1, a partir da estação de Ipanema, a General Osório, de onde se criariam mais três outras até a Gávea. Ou seja, a Linha 4 será apenas o nome dado, já que, geograficamente, continuará sendo uma extensão da Linha 1, vinda da estação Uruguai, na Tijuca, passan-

do pelo Centro e por toda a Zona Sul. De acordo com o que foi exposto na reunião pelos técnicos da Secretaria Estadual de Transporte e pelos engenheiros da Odebrecht, o metrô seguirá o seguinte traçado:

Figura 1: Da estação General Osório, o metrô irá até a Gávea, com pelo menos mais três estações até lá: Praça Nossa Senhora da Paz, Jardim de Alah e outra no Leblon, provavelmente na Praça Antero de Quental



Fonte: <http://www.caoscarioca.com.br>. Retirada em 04/01/2012

Entendo que o que esteve e ainda está fundamentalmente em jogo para os moradores de Ipanema quanto à decisão sobre o itinerário do metrô é a popularização do bairro. Certamente, a Zona Sul da cidade como um todo é uma área de grande prestígio social, mas Ipanema e Leblon figuram como bairros onde os problemas da modernização ainda não se impuseram de modo imperativo, diferentemente da vizinha Copacabana, “um símbolo poderoso do erro, do equívoco, do que não poderia ter sido feito e permitido” (VELHO, 2006). Assim, o temor dos ipanemenses parece ser o medo da “copacabanização” de Ipanema.

Naturalmente, o problema que se pode formular aqui não é apenas carioca, mas uma questão que envolve o mundo globalizado das sociedades de massa, erguidas a partir do desenvolvimento do capitalismo, da tecnologia, do transporte, dos meios de comunicação, da mídia, da urbanização e, sobretudo, da favelização. Esse problema implica em uma perspectiva de futuro amplamente divulgada:

Assim, as cidades do futuro, em vez de feitas de vidro e aço, como fora previsto por gerações anteriores de urbanistas, serão construídas em grande parte de tijolo aparente, palha, plástico reciclado, bloco de cimento e restos de madeira. Em vez das cidades de luz arrojando-se aos céus, boa parte do mundo urbano do século XXI instala-se na miséria, cercada de poluição, excrementos e deterioração (DAVIS, 2006, p. 29).

Diante disso, o que sociologicamente pode ser delineado é o fato de a organização social do espaço e dos lugares de memória construir identidades e mapas cognitivos e afetivos dos habitantes de diferentes tipos de localidade. No caso de Ipanema, a referência é a mistura do bucolismo com o cosmopolitismo. Nesse sentido, a chegada dos “outsiders”, desprovidos dos laços e das características dos “estabelecidos” e vistos potencialmente com o propósito de desfrutarem das anunciadas vantagens da qualidade e do estilo de vida do novo endereço, é tomada como um processo repleto de antagonismos: do ponto de vista político, os de postura preservacionista são rotulados como “elitistas” e os defensores da modernização, como “mais democráticos”, como revela o embate entre os moradores e o engenheiro.

De certa forma, o diálogo mantido na reunião confirma a análise de Caldeira (2000) quanto às transformações nas formas de relacionamento urbano a partir da redemocratização do país, isto é, a ocorrência de uma proximidade espacial entre grupos heterogêneos que, entretanto, estão cada vez mais separados socialmente. De forma material, essa separação manifesta-se pela presença de muros (não apenas físicos, mas também simbólicos) e pela utilização de técnicas de segurança e de distanciamento social cada vez mais sofisticadas. É mais ou menos uma pretensão de isolamento que se verifica na fala do morador quando critica: “Nós estamos trazendo pra dentro do bairro mais qualificado da cidade um público, não é que não seja desejado, mas é preferível levar isso pra onde existe espaço suficiente, pra Barra da Tijuca”. E ainda que o engenheiro tenha contra-argumentado reivindicando um entendimento do metrô em uma “visão democrática”, ele termina a fala acionando uma perspectiva elitista, pois o metrô “tanto traz o pessoal pro final de semana, mas também traz o pessoal durante a semana pra trabalhar”. Nesse sentido, o abandono de valores vinculados ao espaço público como fundamentalmente aberto e igualitário conduz à separação e ao estabelecimento de distâncias irredutíveis entre os diferentes grupos sociais, fazendo crer que cada um deva se isolar e conviver apenas com os seus iguais.

Na interpretação desses dados, partilho da posição de Gilberto Velho ao pensar sobre sua condição de membro do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e relator, em 1984, do tombamento do terreiro de candomblé Casa Branca, em Salvador, Bahia:

A posição do cientista social, particularmente do antropólogo, diante desse quadro complexo e conflituoso, não implica necessariamente neutralidade acadêmica. No entanto, é crucial a nossa tarefa de procurar perceber e compreender os diferentes pontos de vista em jogo. Sabemos, pelo menos desde Simmel, que o conflito é fenômeno constitutivo da vida social, que percebo como um constante e ininterrupto processo de negociação da realidade, com idas e vindas, recuos e avanços, alianças sendo feitas e desfeitas, projetos adaptando-se e alterando-se, com transformações institucionais e individuais (VELHO, 2006).

E é a partir dessa postura, tanto reflexiva quanto política, que entendo a recusa dos ipanemenses em receber o metrô como uma atitude demofóbica, porque avessa à popularização do bairro, ainda que um dos epítetos de Ipanema seja a liberdade. Ora, parece que essa liberdade, que pressupõe abertura às diferenças, é bastante relativa quando se trata da “massa”, dos “além-túnel” e dos “favelados”, exceto quando são estes os seus serviços.

A questão do acesso ao bairro e à praia ilumina não apenas as diferentes representações acerca do espaço ipanemense, como também aquelas dirigidas à concepção de democracia. Nos discursos dos que pediram a palavra na reunião, a ideia de que os espaços públicos são democráticos foi amplamente aludida. Mas entre defender o direito de ir e vir e o desejar há um grande hiato. Quando a moradora diz que “trazer muito movimento pra dentro do bairro não faz o menor sentido”, ela não está dizendo que o acesso dos meios de transporte a Ipanema deva ser impedido, mas que, de alguma forma, ele pode ser restringido, isto é, ela não é contra a democracia, mas parece a favor da segmentação.

Todavia, em um campo político o jogo dos indivíduos e dos grupos sociais é jogado com diferentes concepções e expectativas. Depois de participar da reunião da Associação de Moradores de Ipanema, decidi que seria importante verificar o outro lado da moeda, isto é, saber quais eram as perspectivas do “povo lá de cima” (como são chamados pelos ipanemenses os moradores do morro), ou seja, o que esperavam os representantes do Cantagalo quanto às obras em execução.

Conheci Jefferson no prédio em que morava. Ele é um paulista que se mudou para o Rio para trabalhar como assessor da então deputada estadual pelo Partido Verde Aspásia Camargo. Pelo trabalho na política partidária, Jefferson tinha boa entrada na favela, conhecia alguns moradores e, sobretudo, os representantes da comunidade. Pedi a ele que me levasse ao morro e me apresentasse ao presidente da Associação de Moradores de lá. E foi dessa maneira que subi ao Cantagalo alguns dias depois de ter ido ao Notre Dame. Luiz Bezerra do Nascimento, o Sr. Bezerra, presidente da Associação, é uma liderança local há mais de quatro décadas. Fui a ele apresentada por Jefferson como uma pesquisadora realizando um trabalho sobre Ipanema e gostaria de conhecer o Cantagalo. Em uma pequena sala da sede da Associação, conversamos durante quase duas horas sobre a favela, o tráfico de drogas, a titularidade dos terrenos, a praia e, sobretudo, as obras do PAC⁸. A primeira pergunta que fiz foi sobre a situação atual do Cantagalo diante dos investimentos em infraestrutura, ao que ele respondeu com bastante entusiasmo e expectativa quanto à diminuição da violência e melhoria das condições de vida.

Assim, enquanto para os ipanemenses presentes na reunião da Associação de Moradores a implementação do elevador no Cantagalo parecia um ícone de prestígio social em um espaço inadequado, para os moradores do Cantagalo, a obra era vista como uma oportunidade de negócios, pois como me afirmou o Sr. Bezerra:

O pessoal já tá fazendo curso também. Já tem vários cursos de turismo aí que o pessoal tá fazendo e com certeza aqui vai ser uma coisa ótima. Porque esse elevador, pela lógica, vai ser um cartão-postal do Rio de Janeiro. Vai ser igual àquele elevador da Bahia, né. Então, um elevador aqui em Ipanema, o pessoal chega, quer conhecer a comunidade. Então vai ter bastante coisa. Estamos tentando fazer uma trilha também, porque tem uma matinha ali, estamos tentando fazer uma trilha pro pessoal dar uma andada por dentro da comunidade. Então tem muita gente já fazendo o curso de turismo.

Dessa forma, o elevador parecia significar para os moradores do Cantagalo qualificação e valorização do espaço, permitindo que o morro se torne também um destino turístico. Por isso, “quase 99,9% está aceitando numa boa” e “já

8 O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado em 28 de janeiro de 2007, é empreendido pelo governo federal e engloba um conjunto de políticas sociais, sendo uma de suas prioridades o investimento em infraestrutura em áreas como saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos.

tem vários cursos de turismo aí que o pessoal tá fazendo”, ao ritmo daquilo que Freire-Medeiros (2008) entende como o retorno do *slumming* à cena mundial do turismo, isto é, a construção da favela como uma marca a ser consumida.

De fato, as cidades nunca são as mesmas para seus habitantes, mesmo nos seus espaços comuns. Aliás, é exatamente o caráter público de determinados lugares cotidianamente trihhados que os tornam investidos de significados, cujas fronteiras simbólicas aproximam, separam, nivelam, hierarquizam e ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Assim, as torres e o metrô são cenários do espaço urbano e podem ser tomados como marcadores das posições sociais dos nativos: enquanto para os moradores do Cantagalo eles são signos positivos de valorização da comunidade, para os ipanemenses eles são signos negativos de transformação do bairro.

A inauguração

Ipanema amanheceu sob a vigilância de um forte esquema de segurança. A presença do então presidente do país, do governador do estado e demais autoridades políticas mudou a rotina do bairro. O metrô seria inaugurado naquela segunda-feira, 21 de dezembro de 2009. No entorno da Estação General Osório formou-se uma pequena multidão, composta por operários das obras, curiosos, transeuntes e, sobretudo, manifestantes das mais diversas causas. A expectativa era que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva subisse as escadas do metrô e fizesse algum discurso. No entanto, através do cerco feito pela polícia, só passavam políticos, jornalistas e os componentes da Banda de Ipanema, convidada pra tocar na inauguração. Do lado de fora, a população sequer podia imaginar o que se passava no subterrâneo.

Entre a multidão, com câmera fotográfica e audiogravador em punho, eu buscava registrar as diferentes opiniões dos que circundavam o local. Inicialmente, o clima era amistoso e tranquilo. Mas, paralelamente a elogios pela chegada do metrô ao bairro, sobretudo dos comerciantes da famosa Feira Hippie, que ocorre na praça todos os domingos, eu começava a ouvir protestos contra as condições das estações e dos vagões em outros locais da malha metroviária.

No meio da confusão, botão *play* acionado, coloquei meu microfone à frente de um rapaz que ostensivamente reclamava:

Moro em Quintino e peço integração metrô e trem. É complicado. Eu faço transferência em São Cristóvão. São Cristóvão já vem um inferno naquela linha dois. Pô, semana passada, nenhum que eu peguei o ar condicionado estava funcionando. Estava em emergência. Qual motivo da emergência? O vagão está sem ar. Só vai solucionar quando chegar na estação Estácio. Poxa, ou seja, de São Cristóvão até o Estácio vai morrer, porque só vai solucionar na estação Estácio. Aí eu já desci, pô.

Nesse momento, um senhor e uma senhora ao lado começaram a discutir com o rapaz em defesa não tanto do metrô, mas dos governantes. Entre xingamentos e expressões agressivas, acabei sendo sugada por uma pequena multidão e me perdi dos atores da discussão. De fato, os ânimos tinham ficado muito exaltados, de modo que houve momentos em que a PM precisou intervir para o controle dos manifestantes.

Figuras 2 e 3: Manifestantes em frente à estação General Osório sendo contidos pela Polícia Militar



Fotos: Fernanda Huguenin

Até então, as reclamações ouvidas não se dirigiam à chegada do metrô a Ipanema, mas aos velhos problemas dos transportes coletivos brasileiros. Eram falas acerca das condições estruturais dos veículos, sobretudo dos vagões metroviários, que, sem investimentos e manutenção, tornaram-se um meio lotado e desconfortável. Um tanto imprensada no tumulto, observava a movimentação e, com meu gravador em riste, continuava a registrar os gritos de ordem dos manifestantes e as discussões geradas pelas diferentes opiniões dos atores envolvidos. Por diversas vezes, fui chamada para fazer entrevistas ao ser identificada como jornalista. Acabei

deixando o aparelho ligado e no deslocamento contínuo entre um ponto e outro ao redor da estação, escutei a conversa de duas mulheres. Uma dizia para a outra: “Ipanema agora virou Copacabana”. Imediatamente posicionei o gravador frente às duas – que chamarei ficticiamente de Helô e Lígia, uma vez que não quiseram se identificar – e comecei a entrevistá-las:

Eu: Você acha que o metrô vai mudar a praia daqui?

Helô: Com certeza! Vai mudar!

Eu: Muda como?

Helô: Vai vir muito mais gente de fora. Se o acesso é mais fácil, né! Vai vir muito mais gente de fora.

Eu: Você acha isso positivo ou negativo?

Helô: Eu acho que o sol nasceu pra todo mundo. Esse negócio de preconceito, é farofeiro, é suburbano, eu acho que isso aí não rola. Eu acho que é feio falar isso. É politicamente incorreto!

Eu: Mas é o que você acha?

Helô: Eu acho que vai aumentar muito o fluxo e, enfim, vai aumentar. Não vai mais ser a praia de sábado, por exemplo, em relação à de domingo, você ainda via muito clarão na areia, mesmo que você não chegasse muito cedo na praia. Eu acho que acabou.

Lígia: É polícia despreparada. É povo sem educação.

Helô: Principalmente no alto verão. No alto verão, então, nem se fala.

Lígia: O povo é sem educação. O povo invade, faz bagunça. Isso aqui sábado é um absurdo. Você chega à tarde no ponto de ônibus. Eles vêm todos pra cá.

Helô: Dependendo, se não for no alto verão, o sábado daqui, numa temperatura que de repente o sol não abriu direito, sabe, ficou meio encoberto... e às vezes, quando você atravessa o túnel, se aqui está meio encoberto, lá, então, está cinza, mas só que o cara que vai atravessar o túnel, ele vai gastar dinheiro de passagem, ele não vem sozinho, vem com a família, entendeu? Isso requer um gasto com alimentação. Por que o cara vai ficar a seco? No mínimo, ele vai tomar um mate, comer um negocinho, se ele não trazer o farnel dele! Aí, o que que acontece, o cara vai pensar duas vezes se ele vai atravessar o túnel ou não, porque a viagem é longa. Se o tempo lá está cinza, pode estar cinza aqui também. Mas, às vezes, acontece de não estar. Mas acontece que, como o metrô é muito mais rápido, ele não vão nem pestanejar. Se estiver ruim, ele veio rápido, ele volta rápido. Vai lotar isso aqui! Vai lotar!

Lígia: Não criam estrutura pras pessoas se divertirem onde mo-

ram. Foi o que ela falou: o sol nasce pra todos. Eles colocaram o metrô, todo mundo vai migrar pra cá, e o piscinão de Ramos virou uma bagunça, que todo mundo que mora lá sabe. Outros piscinões que fizeram não cuidam. Só fazem na época da política. Aparece aquilo lindo, maravilhoso, depois abandonam. Então, o povo precisa se divertir, vai acabar vindo aqui.

Helô: O piscinão de São Gonçalo já secou, acabou.

Lígia: O piscinão de Ramos está indo pelo mesmo caminho, entendeu. Só que acontece que como as opções de lazer aqui na Zona Sul são muito maiores, a tendência é as pessoas, com essa facilidade do metrô, vão vir muito mais pra cá do que elas já vem. Elas já vêm! Aqui, se tiver que ficar insuportável num dia de 42 graus, vai ficar triplamente insuportável. Só isso!

Penso que diante de tudo que vi, ouvi e registrei, esse último diálogo é o mais intrigante e revelador do que chamo de demofobia ipanemense. A chegada do metrô significou para as entrevistadas que “a praia acabou”. O possível aumento da densidade, simbolizada pela falta dos “clarões” na areia, representa para elas o fim do “sossego”, porque “o povo invade, faz bagunça”. Nesse bairrismo, a presença do Outro é “triplamente insuportável”. Esse “Outro”, ou melhor, essa intolerância, é fundamentalmente dirigida àqueles que trazem o seu “farnel”, isto é, aos considerados farofeiros por não se conformarem aos padrões locais. Por isso, de um ponto de vista político, elas gostariam de que, em vez de se facilitar o acesso aos de fora, fosse criada “estrutura pras pessoas se divertirem onde moram”.

Desse modo, alguns meses depois da inauguração, virou piada em uma coluna social: “Na direção do mar em Ipanema, o rapaz de bermuda listrada, perdido e suado ao sair do buraco do metrô, pergunta: ‘Mermão, chegando ali na praia, a pedra do Arpoador é para a direita ou para a esquerda?’”⁹. A partir desse chiste, depreende-se que o espaço, para além de físico, é também uma categoria de pensamento que estrutura representações e práticas sociais. Não reconhecer a direção geográfica de uma das referências naturais mais famosas do bairro, como a pedra do Arpoador, é, nesse sentido, uma declaração de não pertencimento.

É verdade que a quase nudez pode cegar signos aparentes de classe, como roupas e acessórios. Mas restam o corpo e seus usos, ou o comportamento nele (e por meio dele) manifestado. Por isso, o uso da categoria evidentementemen-

9 Retirado da coluna “Gente Boa”, de Joaquim Ferreira dos Santos, publicada em *O Globo*, 03/03/10.

te acusatória de farofeiro. Se o Rio de Janeiro está organizando segundo distâncias territoriais e, se para “além e aquém” delas, distâncias sociais se sobrepõem, na praia essa mesma organização é reproduzida.

Se as praias cariocas são microcosmos da própria cidade, Ipanema talvez seja a sua paisagem mais emblemática, por ter sido “invadida” pelos suburbanos nos anos 1980, por ter sido cenário do arrastão nos anos 1990 e por continuar atualizando disputas acerca da manutenção da estética do espaço e do capital simbólico do bairro, como indicam as oposições feitas em torno da chegada do metrô. Como indica Machado, “em qualquer cidade, sabe-se também que o uso diferenciado do solo urbano implica em valorizações hierarquizadas do ponto de vista do capital. Assim, a expulsão dos segmentos populares e até da ‘classe média’ das áreas mais valorizadas e centrais é fato genérico” (1985, pp. 192-193). É fundamentalmente em acordo com essa proposição que entendo como processos demofóbicos as reações que presenciei em Ipanema no cotidiano vivido no presente etnográfico.

Demofobia ipanemense: nota conclusiva

Embora Ipanema não tenha se “copacabanizado” ainda, há uma sensação entre os locais de que o bairro vem se transformando desde a chegada dos ônibus vindos dos subúrbios, na década de 1980. E é a partir dessa memória que se pode pensar na recusa dos ipanemenses quanto ao prolongamento do metrô, isto é, para os moradores, o transporte de massa é um dos responsáveis, senão o grande responsável, pelas alterações da paisagem. Isso fica bem nítido quando se analisam as representações acerca das praças.

Nas proximidades com a General Osório, Ipanema é conhecida como Baixo-Ipanema, pois lá, além de ser ponto final dos ônibus, é onde estão localizados os setores de serviços. Em direção à Praça Nossa Senhora da Paz, o espaço é percebido como mais “luxuoso”, onde se encontram as lojas de grife e os restaurantes sofisticados. A divisão interna do bairro corresponde, portanto, à sua posição em relação aos bairros limítrofes: o Baixo-Ipanema é próxima à popularizada Copacabana e a Alta-Ipanema é contígua ao elitizado Leblon.

Quando Helô diz que “é difícil o cara que mora longe querer andar aquilo tudo. Ele vai desembocar aqui e se estiver na areia ele fica aqui mesmo”, ela sinaliza que a mesma divisão do bairro é de alguma forma também atualizada nas areias. Assim, quanto mais em direção ao Arpoador, mais popular a praia. Quanto mais próxima ao Leblon, mais elitizada ela será. Assim, é possível argumentar sobre uma demofobia vivida também à beira-mar. Nesse sentido, se não é possível impedir o acesso à praia, bem que se pode dificultá-lo. Então, por que construir em Ipanema novas estações de metrô, correndo o risco de popularizar ainda mais o bairro e a praia? Por outro lado, por que enfrentar ônibus lotados, blitz policial, gastos, hostilidades, além do cansaço?

Penso que a praia é uma representação física de uma idealização moral. Ela simboliza o pertencimento e o direito à cidade, isto é, o direito ao habitat e ao habitar. Segundo Lefebvre (1991), o direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: o direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. O direito fundamental ou elementar de moradia não restringe outros, como a fruição do lazer e do prazer nos espaços considerados sofisticados, elitizados ou simplesmente pouco acessíveis. Para uns, a praia é o quintal da casa. Para outros, a praia é transformada na própria casa. Em tese, todos temos um lugar ao sol e nisso consiste o mito da praia democrática: na igualdade do direito de usufruí-la.

No processo de disputa pelos espaços públicos de Ipanema, sobretudo, pela praia, sempre há tensões entre as *dramatis personae* – atores na vida social – que protagonizam as cenas do que é objeto próprio de uma antropologia política: a negociação que envolve o conflito, na arena pública, motivado pela luta por bens ou metas a serem compartilhados ou implementados. Trata-se de um jogo tenso, cheio de antagonismos, sem hora pra terminar e sem regras muito específicas.

Assim, a praia e o bairro são territórios em disputas, alimentadas pelo risco de se perderem, ou melhor, pelo medo que têm as partes de que sua transformação configure uma desapropriação, se não do direito ao acesso, ao significado de frequentar determinado lugar, de se “ter uma praia”. Desse modo, a negativa do direito universal à cidade, manifesta pela demofobia ipanemense, é, por oposição, “boa para pensar” o mito carioca da praia democrática. Mas essa já seria outra questão.

Referências

- CALDEIRA, Teresa Pires. (2000), Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, 34/ Edusp.
- CASTRO, Ruy. (1999), Ela é carioca: Uma enciclopédia de Ipanema. São Paulo, Companhia das Letras.
- CECCHETTO, Fátima [e] FARIAS, Patrícia. (2009), “‘Tu mora onde?’ Território e produção de subjetividade no espaço urbano carioca”. Em: CARNEIRO, Sandra de Sá [e] SANT’ANNA, Maria Josefina (orgs). Cidades: Olhares, trajetórias. Rio de Janeiro, Garamond.
- CERTEAU, Michel de. (1994), A invenção do cotidiano, Vol. 1: Artes de fazer. Petrópolis, Vozes.
- CUNHA, Christina Vital da. (2012), “A cidade para os civilizados: Significados da ordem pública em contextos de violência urbana”. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Vol. 5, nº 2, pp. 211-232.
- DAVIS, Mike. (2006), Planeta favela. São Paulo, Boitempo.
- FERREIRA DOS SANTOS, Joaquim. (03/03/2010). O Globo, Segundo Caderno, Coluna Gente Boa, Rio de Janeiro.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. (2009), Gringo na laje: Produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro, Editora FGV.
- GALDEANO, Ana Paula. (2009), “O desgosto da ‘mistura’ com prostitutas e favelados: Mudanças e paradoxos no campo dos direitos humanos”. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Vol. 2, nº 4, pp. 127-156.
- GOLDENBERG, Mirian. (2008), Toda mulher é meio Leila Diniz. Rio de Janeiro, BestBolso.
- LEFEBVRE, Henry. (1991), O direito à cidade. São Paulo, Moraes.

VALLE, Marisol Rodríguez. (2005), A província da ousadia: Representações sociais sobre Ipanema. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), UFRJ.

_____. (2007), “Modos e modas de Ipanema”. Em: GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: Estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri, Estação das Letras e Cores, pp. 32-53.

MACHADO, Lia Zanotta. (1985), “Imagens do espaço: Imagens da vida. Um estudo sobre Brasília”. Em: PAVIANI, Aldo (org). Brasília, ideologia e realidade: Espaço urbano em questão. São Paulo, Projeto.

VELHO, Gilberto. (2006), “Patrimônio, negociação e conflito”. *Mana*, Vol. 12, nº 1, pp. 237-248.

RESUMEN: El artículo **Demofobia “ipanemense”**: El miedo de la ‘copacabanización’ analiza algunas representaciones sociales de los que viven en el barrio de Ipanema sobre la llegada del subte al barrio. De las entrevistas y etnografía de dos situaciones, analizo la perspectiva nativa en relación a la expansión de la red de metro en la ciudad y sus posibles implicaciones en la caracterización del cosmopolitismo y de la sofisticación asociados a Ipanema. El comportamiento reactivo a la popularización se pone de manifiesto como postura demofóbica frente a la llegada del Otro. Se pretende reflexionar sobre distintas acepciones del derecho a la ciudad, sobre todo en cuanto al uso y la pertenencia a Ipanema, en vista a los conflictos que aparecen a partir del cambio en el transporte de masas en curso.

Palabras clave: Ipanema, representaciones sociales, pertenencia, demofobia, derecho a la ciudad

FERNANDA HUGUENIN (fernanda_huguenin@hotmail.com) é professora da Universidade Cândido Mendes (Ucam, Rio de Janeiro, Brasil). Tem doutorado em antropologia social pela Universidade de Brasília (UnB, Brasil), mestrado em políticas sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil) e graduação e bacharelado em ciências sociais pela Uenf.